

Envelhecimento da população e maior exposição durante a vida são as principais causas do aumento de casos em pessoas com mais de 65 anos. Projeção é de um incremento de 140% até 250%

CÂNCER DE PELE avança entre idosos

» PALOMA OLIVETO

Com o envelhecimento da população, o câncer de pele, tipo de neoplasia mais comum no mundo, tornou-se uma preocupação entre idosos — e a tendência é de piora. De acordo com um estudo publicado na revista *Jama Dermatology*, o número de casos em pessoas com 65 anos ou mais disparou nas últimas três décadas e continuará crescendo até 2050. A análise se baseou em dados do Global Burden of Diseases (GBD), abrangendo 204 países, inclusive o Brasil, e foi conduzida por Ruiyao Wang e Jin Chen, da Universidade Médica de Chongqing, na China.

O levantamento revelou que, só em 2021, foram registrados globalmente mais de 4,4 milhões de novos casos entre idosos, sendo 153 mil de melanoma, o tipo mais agressivo, 1,46 milhão de carcinoma espinocelular (CEC) e 2,8 milhões de carcinoma basocelular (CBC), esses últimos agrupados sob o nome de cânceres de queratinócitos. Os homens são os mais afetados — e a desigualdade de gênero tem se acentuado com o tempo.

“O câncer de pele está cada vez mais concentrado em países com alto índice sociodemográfico (SDI), mas o impacto da doença já começa a se espalhar para regiões menos desenvolvidas”, afirma o estudo. Os autores apontam que o envelhecimento populacional e o crescimento demográfico são os principais motores do aumento da incidência, embora a exposição acumulada à radiação ultravioleta (UV) durante a vida também desempenhe papel crucial.

Basocelular

Embora o melanoma seja o mais temido devido à sua agressividade, é o carcinoma basocelular que lidera os diagnósticos entre os mais velhos. A incidência foi de 371,97 casos por 100 mil habitantes em 2021, quase o dobro do espinocelular. Esse último se destaca pela maior taxa de mortalidade e anos de vida perdidos ajustados por incapacidade (DALYs, na sigla em inglês).

O estudo aponta que o cresci-



Dados do Instituto Nacional de Câncer (Inca), de 2020, estimaram 176.930 novos casos de câncer de pele

mento da carga da doença se deve, principalmente, ao aumento populacional. No entanto, outros fatores — como maior exposição solar ao longo da vida, desigualdade de acesso à saúde e mudanças nos padrões de lazer — também contribuíram.

A pesquisa revela disparidades importantes entre os sexos. A incidência e a mortalidade entre os homens são significativamente mais altas. No caso do carcinoma espinocelular, por exemplo, a taxa no sexo masculino foi quase 2,3 vezes superior à das mulheres. Segundo os autores, essa diferença pode estar ligada a comportamentos culturais, como menor uso de protetor solar e maior exposição ocupacional ao sol.

Socioeconômico

Ao analisar os dados por nível socioeconômico, medido pelo índice sociodemográfico (SDI), o estudo identificou que países com alto SDI concentram a maior parte do ônus da doença. Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos e algumas nações europeias figuram entre as mais afetadas. Em 2021, a mais alta taxa padronizada de incidência de melanoma foi registrada entre os neozelandeses: 202,21 por 100 mil habitantes idosos.

Essas regiões combinam elevada expectativa de vida com hábitos de lazer que envolvem exposição ao sol, além de maior capacidade diagnóstica. Contudo, os autores alertam que a carga da doença também cresce em países de média e baixa renda, como a China, onde a incidência de carcinoma espinocelular em idosos aumentou em mais de 6% ao ano.

Entre as estratégias recomen-

dadas, estão campanhas de fotoproteção, incentivo ao autoexame e exames dermatológicos periódicos, especialmente para idosos. Para os autores, uma abordagem que envolva desde escolas até políticas públicas focada em pessoas com mais de 65 anos seria ideal.

Projeções

Embora o estudo não destaque especificamente o Brasil, os especialistas alertam que o país não está imune à tendência global. Segundo o Instituto Nacional de Câncer (Inca), em 2020, foram estimados 176.930 novos casos de câncer de pele não melanoma no Brasil, e 8.450 do tipo mais agressivo. Entre 2018 e 2022, ocorreram 20.291 internações por neoplasia maligna da pele em idosos no país.

Segundo Regina Buffman, médica dermatologista e cirurgiã dermatológica, é preciso continuar investindo em prevenção. “Investir em educação e prevenção desde a infância é essencial. Ensinar desde cedo o uso adequado do protetor solar, estimular a proteção física com chapéus e roupas adequadas, e incluir a fotoproteção como hábito diário são medidas de impacto”, diz.

PERGUNTAS PARA | Regina Buffman*

O que explica o aumento expressivo nas taxas de câncer de pele até 2050?

Essas projeções refletem, principalmente, o envelhecimento da população e a maior exposição solar ao longo da vida, especialmente em pessoas que cresceram sem o hábito do uso regular de protetor solar. Além disso, fatores como a destruição da camada de ozônio, o aumento do tempo de lazer ao ar livre e o uso inadequado da fotoproteção contribuem significativamente para esse cenário. A detecção está mais precisa, o que também pode levar a um aumento no número de diagnósticos.

O estudo também mostra que a prevalência do melanoma pode cair. O que contribuiu para isso?

A queda na prevalência do melanoma, especialmente nos estágios mais graves, tem relação direta com os avanços no diagnóstico precoce, uso de tecnologias como dermatoscopia digital, inteligência artificial aplicada à dermatologia e maior conscientização da população. Além disso, tratamentos imunoterápicos e terapias-alvo vêm mostrando bons resultados, aumentando a sobrevida dos pacientes.

Campanhas de prevenção, uso de protetor solar e rastreamento



precoce estão funcionando?

Sim, há evidências claras de que a informação e a prevenção fazem diferença. Países que adotaram campanhas de longo prazo, como a Austrália, conseguiram reduzir a incidência de melanomas graves. No Brasil, iniciativas como o Dezembro Laranja, da Sociedade Brasileira de Dermatologia, têm contribuído para aumentar a conscientização sobre os riscos da exposição solar sem proteção e a importância de procurar um dermatologista diante de qualquer sinal suspeito. (PO)

* Médica dermatologista e cirurgiã dermatológica

Principais tipos

» **Não melanoma:** são os mais comuns e, geralmente, menos agressivos.

» **Carcinoma Basocelular (CBC):** é o tipo mais frequente de câncer de pele. Surge nas células basais, geralmente em áreas expostas ao sol (rosto, pescoço, orelhas). Raramente causa metástase.

» **Carcinoma Espinocelular (CEC):** origina-se das células escamosas da epiderme. Tem maior chance de se espalhar do que o basocelular, especialmente se diagnosticado tardiamente. Aparece em áreas de exposição solar crônica.

» **Melanoma:** é o mais agressivo, embora menos comum. Surge nos melanócitos, células que produzem melanina (pigmento da pele)

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

ESA/Webb, NASA & CSA, G. Gozaliasi, A. Hoekemoer, M. Franco, and the COSMOS-Web team



SEGUNDA-FEIRA, 19

AGLOMERADO DE GALÁXIAS

Com o auxílio do Telescópio James Webb, astrônomos observaram, em uma área do céu chamada Cosmo Web, a maior amostra de galáxias já vista a mais de 12 bilhões de anos-luz de distância. O estudo representa um marco importante na astronomia extragaláctica, fornecendo insights sem precedentes sobre a formação e evolução das galáxias e a estrutura em larga escala do universo. Segundo os especialistas, as imagens abrangem um período de até um bilhão de anos atrás. O novo catálogo de imagens, a ser publicado na revista *Astronomy and Astrophysics* (A&A), inclui quase 1.700 grupos de galáxias. A impressionante imagem do grupo de pesquisa de um aglomerado de galáxias a mais de 6 bilhões de anos-luz de distância é atualmente apresentada como a imagem do mês da Agência Espacial Europeia (foto). “Conseguimos observar algumas das primeiras galáxias formadas no universo”, afirma Ghassem Gozaliasi, da Universidade Aalto, chefe da equipe de detecção de grupos de galáxias que liderou o estudo.

TERÇA-FEIRA, 20

ROTAS VIKINGS DESCONHECIDAS

Utilizando um veleiro semelhante ao dos vikings — que era aberto de madeira, com tábuas superpostas, vela quadrada, semelhante aos barcos usados durante a Era Viking (800-1050 d.C.) —, o arqueólogo Greer Jarrett, da Universidade de Lund (na Suécia), viajou de Trondheim até o Círculo Polar Ártico e retornou em 2022. O que ele e os outros pesquisadores queriam verificar eram as rotas desconhecidas desses guerreiros do passado. As investigações mostraram que eles navegaram para mais longe da Escandinávia e seguiram rotas mais distantes. Desde então, Greer Jarrett e sua equipe viajaram por mais de 5 mil quilômetros pelas rotas comerciais vikings. Eles reuniram histórias dos vikings nas ilhas Torghatten, Hestmona e Skrova, na costa norueguesa. Essas narrativas relatam os perigos presentes nas viagens e os marcos de navegação.

QUARTA-FEIRA, 21

A ORIGEM DOS DENTES

Estudo publicado na revista *Nature* traz uma sinalização sobre a sensibilidade dos dentes à dor ou às bebidas frias. Segundo pesquisadores da Universidade de Chicago, isso pode ser porque os dentes evoluíram para um propósito bem diferente do de mastigar. Há muito tempo, a origem e a verdadeira função da dentição tem sido uma incógnita para os cientistas. Acredita-se que seus precursores evolutivos sejam estruturas duras chamadas de odontoides, que não apareceram na boca, mas na camada externa dos primeiros peixes — numa espécie de proteção —, há cerca de 500 milhões de anos. O novo estudo apoia a hipótese de que originalmente eram usados como órgãos sensoriais que transmitiam sensações aos nervos.

CHRISTIAN SLUND



QUINTA-FEIRA, 22

PINGUINS CONTRA O AQUECIMENTO

Pesquisa divulgada na revista científica *Communications Earth & Environment* identificou um aliado improvável na luta contra o aumento da temperatura na Antártida: as fezes dos pinguins. O estudo mostra que o amoníaco que emana do guano (fezes acumuladas de aves, morcegos, focas, entre outros) do pinguim geram uma camada adicional de nuvens sobre a costa antártica que pode bloquear a luz solar e reduzir as temperaturas. No continente gelado, com quase nenhuma contaminação humana e pouca vegetação, os pinguins dominam como emissores de amoníaco. Mas o futuro dessas aves está ameaçado pela diminuição do gelo marinho, o que torna ainda mais urgente compreender sua função ecológica.